

## VERMELHO (versão de Chapeuzinho Vermelho pra maiores de 18 anos)

Chapeuzinho vivia só com a mãe mergulhada numa ingenuidade serena. Um dia a mãe pediu-lhe para levar algo para a avó, que morava além da floresta. A mãe segurou firme nos ombros da filha, posicionou-a frente a si. Olhou fixa e profundamente bem dentro dos olhos da menina. A força mãe, nos ombros, nos olhos, estendeu-se até a boca que pronunciou veemente: Cuidado com o lobo! A frase ecoou bem lá no de dentro. Como que enfeitada, sem dizer palavra, Chapeuzinho seguiu flutuando em pensamentos.

O que seria um lobo? A mãe, esquecida da ingenuidade em que havia mergulhado a filha, esqueceu também de explicar-lhe. E no seu pequeno grande mundo interior, Chapeuzinho tentava decifrar o lobo. Será seu corpo quente? Sendo-o poderia aquecer-me. Será sua pele macia? Seguiu divagando, pincelando, encaixando e sobrepondo imagens. Nada ao redor era capaz de salvá-la daquele turbilhão de formas. A cada imagem criada do lobo seu corpinho reagia involuntariamente. *Frisson* que fazia queimar a fogueira. A cada imagem uma sensação, a cada sensação uma emoção indefinida, mas forte e revitalizante. Imaginar o lobo como que lançou Chapeuzinho num processo de auto-regulação. Ou seria auto-revelação? Tudo o que antes dormia, desabrochava em pequeninos e suaves choques elétricos.

Só parou de caminhar quando, presa numa das imagens, sentiu todos os pêlos se eriçarem. Arrepiou-se dos pés à cabeça. E como nunca havia sentido isso antes, parou. Fechou os olhos. A respiração aprofundou-se. Teve um orgasmo profundo, mesmo que não o soubesse assim. E tudo no seu dentro derreteu-se num gemido fino e sensual, que ela também não sabia. Desmaiou.

Seu gemido espalhou-se como perfume por toda a floresta estendendo-se até alcançar seu alvo-lobo. Entrou por suas narinas, tocou-lhe os lábios e dissolveu-se em sua língua como veneno. Ele cerrou os olhos. Salivou aquele sabor-sentimento e deixou-se levar até seu destino.

Chapeuzinho continuava mergulhada em si. Corpo templo! Havia acionado uma outra realidade, negra, mágica, profunda. Há poucos metros dela, guiado pelo faro posto que a visão nublara desde aquele som, o lobo caiu sobre quatro patas. Cego, foi até ela. Roçou levemente seu focinho gelado nos dedinhos de seu pé, que saltavam da sandália. Pôs-se a lamber um a um. A cada lambida dele seguia-se um suspiro dela. Ele reclinou a cabeça e pôs-se a roçá-la ao longo das pernas. Foi subindo lentamente, empurrou o vestido da menina com a cabeça até o pescoço. Sentiu um cheiro doce. E roçou seu focinho, agora quente, num dos seus pequeninos seios. Sentiu-os despontar, desabrochar como flor. Ele abriu a sua enorme bocarra e mamou aquele tenro seio.

Chapeuzinho estremeceu inteira. Queimava enquanto o lobo deslizava sua áspera e grossa língua por todo o seu rosto. Demorou-se nos olhos e num rápido movimento, deslizou até a calcinha de renda. Inclinou a cabeça, afastou-a com seu focinho fervente e meteu sua língua grossa no seu dentro. Chapeuzinho lançou-se ao nada, alcançando uma plenitude inenarrável. Suas mãos antes catatônicas, agora apertavam a cabeça do lobo contra o próprio corpo. Queria devorar aquela língua, que ela não sabia assim. De súbito, puxou energicamente a cabeça do lobo para junto da sua. Sentiu a respiração dele sobre o rosto. Sentiu seu hálito forte e envolvente. O lobo penetrou-a. E Chapeuzinho derreteu-se num grito que se espalhou além-terra, fundindo-se aos sons do mundo. De dois fez-se um! O lobo alcançou aquela realidade negra. O corpo duplo arremessado ao nada que tudo era, desvaneceu-se no de dentro. Orgasmo metafísico!

Despertou. Sorriu. Percebeu-se. Por dentro. Roçou, graciosa, seu corpo junto ao chão espreguiçando-se. Sentia sua língua quente e trêmula. Suspirou. Suspirou mais profundamente. Levou uma das mãos à cabeça, retirou seu chapeuzinho e lançou-o longe. Abriu os olhos. Sorriu novamente desde o umbigo. Duas lágrimas saíram-lhe. A língua acusou a sede. Caminhou até o rio. Reclinou-se para beber a água que refletia sua imagem nova. Sorriu. Despiu-se e atirou-se n'água confundindo-se com ela. Escondido, o lobo a observava embevecido. Ela o sabia. Flutuava exibindo os seios displicentemente. Num salto, lançou-se ele também n'água até alcançar seu alvo-corpo. Mergulhou, embrenhou-se por entre as pernas dela e meteu-lhe a língua adentro. Subiu. Tomou-a pra si e penetrou-a novamente. Ficaram assim colados por muito tempo, deixando-se mover apenas pelo movimento d'água. E nunca mais foram vistos. Chapeuzinho engoliu o lobo e depois a si mesma.

